

GUILHERME FIUZA

O GRANDE CIRCO



PARA ENTENDER AS ACROBACIAS DA IMPRENSA



GUILHERME FIUZA

***O GRANDE
CIRCO***

PARA ENTENDER AS ACROBACIAS DA IMPRENSA



INTRODUÇÃO:	7
1. TIRO? QUE TIRO?	11
2. O DITADOR DEMOCRATA	31
3. OSCAR DE EFEITOS ESPECIAIS	43
4. NARRATIVA ANTIESTATAL	59
5. O TRANSFORMISMO MACROECONÔMICO	71
6. AO VIVO DO APOCALIPSE	91
7. O MUNDO SEM HOMENS	115
8. O FATOR X	123
9. OUVIREM DO IPIRANGUE	135
10. O REICH DO SILÍCIO	163
NOTA DO AUTOR	187

INTRODUÇÃO

ESTA É A HISTÓRIA DE UMA MISSÃO. Talvez a missão mais difícil que se possa conferir a seres dotados de consciência e escrúpulo.

(Muito embaraçosas essas duas coisas — a consciência e o escrúpulo. Felizmente as novas tecnologias permitem uma série de filtros e códigos para enganar os receptores do ser consciente. Quanto às posturas escrupulosas, já estamos protocolando uma queixa-crime contra os reincidentes nesse tipo de comportamento. Basta de ódio.)

Mas voltando à missão. Após séculos e séculos de sofrimento com seus dramas de consciência, o ser humano finalmente viu a luz. Desenhou-se diante dele a possibilidade de mandar para o espaço todos os escrúpulos e viver de acordo com as suas pulsões primárias (que delícia!). Apenas seria importante manter as aparências de espécie obediente às leis e à ética (rs). É aí que entra a nossa missão.

Quem poderia criar uma embalagem eficiente para a nova civilização? Ou melhor: quem poderia embalar direitinho nossos instintos mais baixos numa bela capa de civilidade? A resposta era inequívoca: ninguém teria mais condições de cumprir essa missão do que a imprensa.

Aí se colocava outra questão desafiadora: quantos missionários da informação e da verdade — os jornalistas — estariam dispostos ao transformismo moral? Nossa aposta era: muitos. Mas nós erramos. “Muitos” foi um prognóstico irrisório. O certo teria sido: muitos mesmo; muitos e muitos mais; muuuitos; muitão; uma multidão de muitos.

Ainda assim, restava uma dúvida: haveria talento suficiente para embalar picaretagem como virtude? Malandragem como ciência? Opressão como democracia?

O trabalho de campo foi iniciado e os resultados foram fantásticos: sim, havia gente suficientemente capaz de criar manchetes idênticas em veículos concorrentes, invertendo os fatos com grande desinibição e jogando premissas geneticamente modificadas no ventilador da opinião pública.

Empolgados e inspirados pela descoberta de tamanha pusilanidade, desenvolvemos o dispositivo matador: quem discordasse dessa alquimia passaria a ser acusado de “desinformação” — palavrinha marota que nossa máquina de propaganda transformaria em pecado capital.

Deu tudo certo! Especialistas afirmam inclusive que deveríamos ter conquistado o Nobel de Química com a

nossa descoberta — de que a consciência e o escrúpulo são como radicais livres, que podem e devem ser extirpados do *Homo sapiens*.

O Nobel não veio, mas o Oscar veio — e mesmo assim não perdemos a humildade: não teríamos tido êxito sozinhos! Nossa missão épica teve a colaboração decisiva de parceiros dos meios acadêmico, artístico, jurídico, empresarial, político, científico e contrabandístico. Nossas homenagens a todos esses heróis.

Uma revolução é feita de grandes batalhas. Neste livro selecionamos as que melhor simbolizam a coragem de mentir sem perder o charme. Divirta-se se for capaz.

FOLHA Folha de S. Paulo @folha

Como fotografia de Trump após ser alvo de tiro impacta narrativa sobre atentado



PENNSYLVANIA TO BIG22
TRUMP

folha.uol.com.br
Como fotografia de Trump impacta narrativa sobre atentado - 14/07/2024 - Mundo - Folha

9:47 · 14 jul. 24 · 45,8K Visualizações

GLOBO Jornal O Globo @JornalOGlobo

Trump cai do palco durante comício na Pensilvânia com sangue no rosto dlvr.it/...

FOLHA Folha de S. Paulo @folha

Leitor comenta atentado a Trump: "Consequência de todo ambiente criado por ele mesmo"



folha.uol.com.br
Leitor comenta atentado a Trump: "Consequência de todo ambiente criado por...

23:30 · 15 jul. 24 · 4.557 Visualizações

g1 - O portal de notícias da Globo
Comício de Trump é interrompido após supostos sons de tiros, na Pensilvânia
há 39 minutos

FOLHA Folha de S. Paulo
Comício de Trump na Pensilvânia é interrompido após supostos sons de tiros
há 52 minutos

CartaCapital
Comício de Trump é interrompido após supostos sons de tiros
há 9 minutos



CAPÍTULO 1

TIRO? QUE TIRO?

*A CORAGEM DE TENTAR ESCONDER NUMA MANCHETE
O QUE O MUNDO INTEIRO JÁ VIU É PARA POUCOS*

NO JORNALISMO MODERNO, um dia na vida de uma redação começa sempre da mesma forma: checamos a cartilha politicamente correta para decidir qual peixe vamos vender, repassamos a lista dos inimigos imaginários que vamos bombardear, discutimos que história vamos inventar para enaltecer os heróis que fabricamos. Enfim, rotina. Mas às vezes a realidade sacode a nossa zona de conforto.

Foi o que ocorreu numa tarde quente e monótona em Butler, Pensilvânia. Nós cansamos de avisar aos nossos correspondentes: não apareçam com fatos novos, não atrapalhem o noticiário que montamos de véspera. Mas eles desobedecem a essa diretriz com uma frequência irritante. Aí, lá vamos nós ter que lidar com o desagradável e desnecessário mundo lá fora.

Tiros tinham sido disparados contra Donald Trump, naquele momento o candidato favorito à Casa Branca na eleição de 2024. Ele não tinha morrido, nem estava ferido com gravidade. Pensamos logo: é o pior dos mundos. O cara sobreviveu e isso vai virar dividendo político. Nós somos assim, colocamos a empatia acima de tudo.

As imagens do atentado chegaram muito rapidamente, como sempre acontece nos dias de hoje. Mas... Quem disse que foi um atentado? Com todo o respeito às imagens reais, nunca subestimem a nossa literatura. O diabinho começou a soprar na nossa orelha: vamos sumir com esse atentado!

Impossível? Ora... Pra quem já sumiu com a ciência, com a ética, com a virologia, com o computador do Hunter Biden, com a senilidade do pai dele, com povo na rua, com post, com voto, com a corrupção, com o direito... sumir com um atentado é moleza. Não se esqueçam: somos os magos da polarização. Se publicarmos que uma formiguinha esmagou um elefante, em questão de minutos já haverá até denúncia no Conselho de Direitos Humanos da ONU (se a ditadura chinesa ganhou assento lá, eles haverão de saber humanizar o elefante).

Mas o que fazer com a imagem de Trump sangrando? Ah, vamos dizer que ele caiu. Normal. Pessoas caem. Pessoas idosas caem mais ainda. Às 20 horas e 20 minutos do dia 13 de julho de 2024, o jornal *O Globo* postou a seguinte notícia: “Trump cai do palco durante comício na Pensilvânia com sangue no rosto”.

Meia hora antes, ou mais precisamente 31 minutos antes (às 19h49) a *Revista Oeste* tinha publicado: “Trump sofre atentado a tiros durante comício nos Estados Unidos”. Segundo o *manual do moderno jornalismo mentira*, isso é uma flagrante precipitação. Como é que se faz uma afirmação conclusiva dessas, sem a devida leitura das manchetes fantasiosas que ainda estavam por vir? Leviandade pura.

Mas não teve problema. A nossa desinibição superou esse incidente desagradável. Somos muitos — e somos rápidos. Sobreveio então o bombardeio.

GI: “Comício de Trump é interrompido após supostos sons de tiros, na Pensilvânia”.

Folha de S.Paulo: “Comício de Trump na Pensilvânia é interrompido após supostos sons de tiros”.

Carta Capital: “Comício de Trump é interrompido após supostos sons de tiros”.

Como se pode constatar, independência é tudo. Note que não são manchetes idênticas. Todas noticiam “supostos sons de tiros” (um show de precisão), mas o trecho “na Pensilvânia” sempre varia. A sutileza é a alma do negócio.

Ainda assim, não foi uma orquestração perfeita. Houve uma falha significativa na mensagem. Por que falar em “tiros”, mesmo com a ressalva de que são apenas supostos sons? Na nossa luta contra a violência e a onda de ódio, “tiro” é uma palavra a ser evitada. Se possível, banida do dicionário. Vamos pensar num projeto de lei.

Por isso é que a versão “cai do palco” se consagrou como a melhor cobertura desse lamentável incidente na Pensilvânia. Imprensa sem coragem não existe. A coragem de tentar esconder numa manchete o que o mundo inteiro já viu é para poucos. Dificilmente perderá o Prêmio Pinóquio de Jornalismo Investigativo.

Mas a concorrência é forte:

“Barulho interrompe comício de Trump; ex-presidente aparece sangrando.”

Essa foi do UOL. Muito criativa também, com um toque de dramaturgia shakespeariana no “aparece sangrando” — descrição meio cifrada que coloca um tom de mistério sobre a notícia, contribuindo para dar uma embaçada no fato (que é nossa missão).

Com coragem e capacidade criativa, o jornalismo pode ir ainda mais longe que o autor de *Hamlet*. Ele é um aprendiz da teatrologia perto do autor dessa chamada na Jovem Pan News:

“Donald Trump sofre ferimento na orelha em comício na Pensilvânia.”

A excelência na escolha da linguagem não é para qualquer um. Conseguir numa situação dessas não usar a palavra “tiro”, nem a palavra “sangue”, nem a palavra “atentado”, nem mesmo “estampido” ou qualquer outro termo que desse a noção do ato violento é coisa de mestre. “Ferimento na orelha” pode ser causado por uma mordida de mosquito, ou mesmo um peteleco. Bravo!

Na tarja que fica na tela resumindo a notícia, a Pan escreveu: “Serviço Secreto investiga tiros em comício de Trump”. Isso foi às 19h55, quando já tinha rodado o mundo a imagem do ex-presidente se abaixando com a mão na lateral da cabeça ao som dos estampidos e sendo cercado pela segurança com o rosto sangrando. Num contorcionismo magistral, as manchetes conseguiram desconectar as balas de fuzil do seu alvo.

Se foi sem querer, merecem o Prêmio Nobel de Genialidade Involuntária. Se foi sem querer, querendo, melhor ainda. Sutileza é tudo para nós.

Mesmo com essa exuberante fartura de artifícios despistantes, ninguém conseguiu superar a sofisticação da CNN. Sirva a si mesmo uma dose de uísque escocês, acenda um charuto cubano e saboreie essa iguaria rara:

“Discurso de Trump é interrompido pelo Serviço Secreto.”

Não é magistral? Como nosso público já está educado para desconfiar de Donald Trump pela simples pronúncia do nome dele, essa manchete foi de uma eficiência assombrosa. Se o Serviço Secreto interrompeu Trump, alguma ele estava aprontando! Possivelmente mais uma tentativa de acabar com a democracia para sempre, como alertou nosso garoto de recados Robert De Niro.

O problema é que no site da emissora havia ainda o espaço para o subtítulo. O que escrever ali, sem estragar a poesia parnasiana do título? Nessas horas, o melhor é o bom e velho

arroz com feijão. Foi o que fez a CNN, abrindo mão de dar qualquer outra informação e usando o subtítulo para praticamente repetir o título: “O Serviço Secreto interrompeu o comício de Donald Trump em Butler, na Pensilvânia”.

Não é genial? Não. É mais que isso. É revolucionário. Jamais na história da imprensa alguém tinha tido a ousadia de fazer o título e o subtítulo com a mesmíssima informação — quebrando completamente as expectativas convencionais do público e inaugurando o *Moderno Jornalismo Reiterativo*. Uma rosa é uma rosa é uma rosa.

Para quem se perdeu no mergulho crítico acima, vamos expor a obra-prima completa — título e subtítulo da CNN:

“Discurso de Trump é interrompido pelo Serviço Secreto.”

“O Serviço Secreto interrompeu o comício de Donald Trump em Butler, na Pensilvânia.”

Enxugue as lágrimas e continue lendo este ensaio crítico para não perder a conclusão. Aí vai ela: a obstinação em mostrar a verdade, custe o que custar, distingue a missão jornalística da propaganda enganosa.

Pelo menos por alguns minutos, as vítimas dessa manchete... Desculpe: os leitores dessa manchete ficaram se perguntando, excitados, qual foi o impropério disparado por Trump que levou a elite da segurança norte-americana, ou melhor, estadunidense a cortar sua fala! Será que dessa vez o delito do homem mau teria sido suficiente para barrar sua candidatura presidencial?! Conta mais, CNN!

Não importa que depois a verdade dos fatos tenha se imposto e a ilusão tenha se perdido no éter. Alguns minutos de ódio contra Trump fazem bem pra alma, e ponto final. Ódio no bom sentido, claro.

As grandes coberturas jornalísticas ficam ainda mais grandiosas quando vistas em retrospectiva. E nada melhor para resumir os acontecimentos de 13 de julho de 2024 na Pensilvânia do que a escalada noticiosa, em tempo real, do programa *Outra Coisa* — vanguarda do jornalismo mentira. Segue-se a reconstituição. Não perca o fôlego:

Interrompemos nossa programação para informar que houve um barulho na Pensilvânia. Aguarde atualizações.

Atualizando: houve um barulho estranho na Pensilvânia. Em breve mais detalhes.

Urgente: confirmado o barulho estranho na Pensilvânia. Voltaremos a informar sobre o assunto ao longo da programação.

Agora é oficial: o barulho na Pensilvânia foi muito estranho mesmo. E a nossa reportagem já apurou que pode ter havido mais de um barulho. Ou seja: não queremos nos precipitar, mas talvez estejamos diante de vários barulhos. Aqui você saberá de tudo, doa a quem doer.

Novo boletim sobre o caso da Pensilvânia. Está sentado? Os barulhos ouvidos no estado norte-americano podem ter

sido de tiros. Vamos continuar apurando para noticiar tudo com muito cuidado, porque somos contra a violência.

Olha, ainda não sabemos direito que barulhos foram esses, mas parece que alguém caiu de algum lugar. Aqui você saberá a verdade em primeira mão.

Nova atualização sobre o Enigma da Pensilvânia: alguém caiu de um palco. Não se sabe se o que estava acontecendo nesse palco era uma palestra, uma peça de teatro, um show de rock ou um comício. Se era comício, já vamos adiantando nossas suspeitas.

Confirmado: os supostos barulhos que talvez lembrassem tiros (que horror!) aconteceram num local onde estava havendo um comício. E a pessoa que caiu do palco, provavelmente depois de alguma estripulia, estava com a orelha vermelha.

Nova atualização direto da Pensilvânia: o vermelho na tal orelha pode ser alergia ou mordida de mosquito (nossos especialistas alertam que mosquitos gostam muito de orelhas, principalmente ao ar livre). As outras hipóteses para a orelha vermelha são molho de tomate ou batom proveniente de um beijo feminino descuidado.

Apagamos o boletim anterior e pedimos desculpas por insinuar que beijo de batom só pode ser feminino. Todos os gêneros são livres para usar batom. Qualquer maneira de amor vale a pena. Voltaremos a informar em breve sobre o incidente da Pensilvânia.

Urgente: o sujeito que caiu do palco era Donald Trump. Alguma ele estava aprontando. Especialistas que avaliaram as imagens do tombo trabalham com as hipóteses de assédio ou bebedeira.

Plantão extraordinário: nosso jornalismo investigativo já descobriu tudo. Num comício na Pensilvânia, um apoiador violento de Donald Trump deu tiros para o alto exatamente no momento em que o candidato mordida um cachorro-quente. Trump se assustou, perdeu o equilíbrio por causa da ida-de avançada e se lambuzou todo de ketchup. Como já alertamos inúmeras vezes, um idoso como Trump devia parar de inventar moda.

Voltamos agora ao noticiário normal: afiado como uma navalha, Joe Biden acaba de reescrever a Teoria da Relatividade — eliminando uma série de preconceitos que estavam contidos nela — e está iniciando os treinos para correr a Maratona de Nova York. Pesquisas mostram que Biden só perde para a Estátua da Liberdade.

Para que possamos mentir com classe, nós precisamos de culpados de plantão. Não é inventar um culpado do dia para a noite, que fique bem entendido. Nós preparamos, moldamos, alimentamos, esculpimos, enfim, nós desenvolvemos os nossos culpados com perícia e muito capricho. Você já foi um deles.

Sim, você! Lembra quando dissemos que circulando sozinho ao ar livre você era uma ameaça à vida alheia e enfiado num ônibus lotado você era o rei da empatia? Bons tempos, aqueles. Nunca foi tão fácil fazer jornalismo. Era só dar uma volta pela cidade no carro de reportagem com três máscaras na cara e sair dedurando os hereges. Foi a maior fábrica de culpados e vilões que já construímos! Inocentes éramos só nós, o Dória, o Eduardo Leite, o Gavin Newsom, o Boris Johnson, o Fauci e mais meia dúzia de heróis.

Quando os tempos apertam é diferente. Aí os culpados de estimação têm que ser **MUITO** culpados — justamente pela escassez. O Trump com certeza foi o maior vilão que já construímos, e temos um orgulho transbordante disso. Sem perder a humildade, claro. Mas é que o Donald é uma espécie de vilão multiuso: pode ser culpado por praticamente qualquer coisa sobre a Terra — enquanto houver Terra. Ou melhor: enquanto **ELE** não acabar com a Terra.

Está chateado que hoje ninguém prestou atenção em você? Deprimido porque desde que acordou não ouviu ainda nenhum aplauso para o seu humanismo de fachada? Sem problemas! Vá ao teclado, conte que seu gato subiu no telhado com medo do Trump e agora ninguém consegue tirá-lo de lá. Pronto. Adeus, solidão! Você receberá instantaneamente toda a solidariedade e o amor que a vida jamais te daria por quem você é. Mas não se esqueça de agradecer a nós, hein? Não

fique pensando que um monstro perfeito assim cai do céu. Isso deu trabalho, garoto.

Dito isso, adivinha quem nós culpamos pelo atentado contra o Trump? Acertou, danado: o próprio Trump! Entendeu como é valioso um vilão absoluto?

Não está acreditando que nós fomos capazes disso? Duvida que tenhamos tido a coragem de culpar a vítima do atentado pelo atentado contra ela? Você está subestimando a nossa desinibição. Sabe de nada, inocente! Felizmente podemos provar — se não ia ficar parecendo história de pescador. Veja com seus próprios olhos:

“O presidente Trump e seus apoiadores contribuíram para essa retórica violenta”, declarou a emissora americana ABC menos de 24 horas depois dos tiros na Pensilvânia.

Exatamente isso! Não havia ainda investigação alguma concluída sobre o crime, a chefe do Serviço Secreto nem tinha pedido demissão ainda, e a imprensa já tinha resolvido o caso: culpa do Trump! Não é apaixonante, o nosso ofício?

E o mais apaixonante é que nós agimos em bloco — depois que perdemos a vergonha de ser ostensivos. Da ABC para *O Estado de S. Paulo*, por exemplo, só muda o hemisfério. “Opinião do Estadão: Atentado contra Trump representa uma dramática escalada da violência política que tem marcado os EUA desde que o ex-presidente incitou a invasão do Capitólio no 6 de Janeiro.”

Num texto como esse, quando tivermos um pouco mais de cara de pau, haveremos de concluir, triunfantes: bem feito!

De qualquer forma, nossa desenvoltura já atingiu um nível de excelência. Dizer que Trump incitou a invasão do Capitólio é uma questão de estado de espírito, quase um capricho de alma. Nos tempos idos daquilo que se chamava de jornalismo não dava para fazer isso, porque Trump não perdeu seus direitos políticos — e inclusive no momento do atentado ele liderava a corrida presidencial em várias pesquisas. Acusá-lo, portanto, de mentor da invasão ao parlamento — apresentando isso como fato estabelecido — seria uma completa levianidade. “Levi” o quê? Nem sabemos o que é isso hoje em dia.

Vamos acompanhar um pouco mais a estrada sinuosa do pensamento do *Estadão*. O título do editorial, publicado em cima do lance, era “Entropia americana” (nós, da imprensa moderna, somos muito cultos e não queremos que parem dúvidas sobre isso). Segue um trecho da entropia editorial:

“O crime de que Trump foi vítima há de ser vigorosamente condenado. Contudo (...).”

Vamos prosseguir, mas colocamos essas reticências para uma breve e valiosa reflexão: o que seria de nós sem os contudos? Sem os poréns, os todavias? Roubar é crime. Contudo... A possibilidade de relativizar tudo é a prova cabal de que a vida é bela.

Retomando: “O crime de que Trump foi vítima há de ser vigorosamente condenado. Contudo, não se pode dizer que

era imprevisível em um contexto no qual o recurso à força das armas tem sido estimulado pelo próprio ex-presidente como meio de afirmação política desde o fatídico dia 6 de janeiro de 2021”.

Entendeu? Trump foi fuzilado por causa do seu “recurso à força das armas”. Em uma única frase estão explicados todos os atentados a presidentes americanos através da história! Tanto trabalho tentando decifrar o assassinato de John Kennedy e aí está, singela, definitiva, seis décadas depois, a resposta: foi a onda de ódio! Como é pródigo e certo, o jornalismo moderno!

Claro que admitir Trump como “vítima” de qualquer coisa já deve ter sido um parto para o editorialista entrópico. Mas o troco vem na mesma frase, antes mesmo do “contudo”. É emocionante o reconhecimento de que “o crime” deve ser “vigorosamente condenado”. Já que a culpa é da vítima, resta condenar o crime.

Nessas horas, a reportagem dos grandes veículos de comunicação vai a campo de forma exuberante. Veja a joia que a *Folha de S. Paulo* extraiu dessa batalha, apenas dois dias após o contratempo da Pensilvânia.

“Leitor comenta atentado a Trump: ‘Consequência de todo ambiente criado por ele mesmo’”

É ou não é um show de jornalismo? Superando o já sofisticado “diz especialista” para calçar o que a gente quer porque quer dizer, surge o “leitor comenta”. Desculpem, analistas,

cientistas, técnicos e professores. Quem são vocês diante da autoridade dele, o leitor, num momento grave da conjuntura mundial? E para que gastar entropia linguística em editoriais empolados se o Zé da Galera tem a resposta na ponta da língua? Foi o “ambiente”, estúpido!

Vamos fazer a reconstituição do crime: Trump criou um ambiente. Ninguém cria um ambiente impunemente. Você aí, com este livro na mão: já criou um ambiente? Então és um sobrevivente. Assim como Trump. Sorte sua se não apareceu um atirador em cima do telhado apontando um fuzil AR-15 para a sua cabeça. É isso que acontece com quem cria ambientes. O que Trump queria? Ser alvejado com rosas? Está certíssimo o leitor da *Folha*.

E o leitor de *O Globo* também. Como já explicado, nós, os heróis do jornalismo moderno, usamos todo o nosso aparato intelectual para desacreditar o atentado contra Donald Trump. Fomos ostensivos, mas também sabemos ser sutis. Colocar o leitor para falar em lugar dos jornalistas já é um clássico na arte da dissimulação, mas utilizá-lo na própria seção de cartas também é uma boa sacada.

Intitulada *A bala e a truta*, essa carta é tão boa que poderia ter sido escrita por qualquer um de nós:

“Tenho uma dúvida: tendo uma orelha uma espessura de alguns milímetros, como uma bala de fuzil vinda de cima não feriu ou matou uma das pessoas que estavam aglutinadas atrás do Trump? A bala ficou presa na orelha? Algumas pessoas

que entendem de armas acham que uma bala de fuzil arrancaria a orelha dele. E cadê a bala? Tem truta nessa história!”

É a perfeição. O mesmo jornal que noticiou o atentado com a manchete “Trump cai do palco”, desova uma perícia de botequim na seção de cartas — com direito à tese debochada de que a bala teria ficado “presa na orelha”. Quando *O Globo* publicou essa pérola do espírito de porco, já havia uma pessoa inocente morta pela bala que não ficou presa na orelha de Trump. E daí? O importante (e urgente) era publicar essa gracinha macabra. Nós nunca nos afastamos da nossa missão.

Confirmado o atentado contra Donald Trump — com bala e sem truta — a *Globonews* emitiu o alerta: Joe Biden precisa agir rápido.

Naturalmente, era sobre esclarecer o quanto antes um crime daquela magnitude cometido nas barbas do Serviço Secreto, certo? A preocupação da imprensa era com a segurança das instituições democráticas colocadas em risco pelo atentado, certo? Errado. Vamos ao trecho completo da análise veiculada pela emissora pouco depois dos tiros na Pensilvânia:

“Joe Biden precisa realmente agir rápido, porque não há dúvidas de que isso vai ser usado política e estrategicamente por Donald Trump, que vem, há bastante tempo, fazendo um discurso de que é a vítima, de que precisa combater esse sistema e de que existe uma grande perseguição política contra ele”, disse Uriã Fancelli, especialista em relações

internacionais pelas Universidades de Groningen e Estrasburgo, na *Globonews*.

Certíssimo, o especialista. Já que Trump não morreu, o mais urgente era calar a sua boca. Os vivos têm mesmo essa mania de falar, e isso pode ser muito perigoso. É impressionante a empatia do intelectual de Estrasburgo.

Nosso trabalho impecável de ocultação de cadáver vivo foi um pouco prejudicado por um elemento indesejável no mundo maravilhoso da mídia. Um intruso. O bilionário mimado Elon Musk fez de tudo para prejudicar a missão sagrada do jornalismo mentira. Quem esse sujeito pensa que é?

Estava indo tudo bem na nossa tentativa de abafar o caso quando esse cara começou a tentar atrapalhar. Usando a plataforma X — que ele comprou para transformar no seu brinquedinho pessoal, temos certeza —, Musk começou a expor nossas manchetes iguaizinhas. Qual é o problema de veículos concorrentes da grande imprensa passarem a atuar como uma orquestra? O que ele tem contra uma sinfonia bem ensaiada?

Aí o brinquedo do bilionário mimado saiu expondo o nosso vexame — sendo que não autorizamos ninguém a mostrar os nossos tradicionalíssimos veículos passando vergonha. Mas estava lá, no Twitter que virou X, o coral afinado sobre o 13 de julho em Butler:

“Donald Trump escoltado para fora do palco pelo Serviço Secreto em comício após barulhos altos ouvidos na multidão” (ABC News).

“Trump escoltado para fora após barulhos altos no comício da Pensilvânia” (*The Washington Post*).

“Serviço Secreto retira Trump do palco após estampidos ouvidos no seu comício na Pensilvânia” (NBC News).

“Trump removido do palco pelo Serviço Secreto após barulhos altos surpreenderem ex-presidente” (*USA Today*).

“Serviço Secreto retira Trump do palco após queda dele em comício” (CNN).

Após essa rajada de manchetes certeiras, o público estava muito bem-informado sobre os fatos capitais:

1. Trump caiu.
2. Trump saiu do palco.
3. Foram ouvidos barulhos altos na Pensilvânia.

Nem os “supostos sons de tiros” que dominaram o coral da imprensa brasileira foram vistos nas manchetes estadunidenses. O jornalismo nacional ainda tem muito que aprender com os imperialistas.

Aí vem esse riquinho viciado em foguetes que andam de costas criticar o nosso trabalho. O que nós fazemos? O que todo jornalista moderno deve fazer: a caveira dele. De que forma? Assim:

“Musk e outros bilionários pró-Trump ajudaram a formatar a narrativa do tiroteio”, estampou o *Washington Post* no dia seguinte ao atentado. Veja que de formatação o jornal

entende: “A comunidade empresarial direitista no X, incluindo Elon Musk e o bilionário do *hedge fund* Bill Ackman, usou seus megafones para endossar Trump e propagar versões sobre o ataque de sábado”.

Até aceitaríamos que Musk tivesse falsificado os acontecimentos na Pensilvânia. Mas expor a nossa falsificação não podemos tolerar. Aí temos que aplicar o nosso código de ética, como exposto acima: bateu, levou; olho por olho, dente por dente; aqui se faz, aqui se paga. Afinal, alguém tem que defender a civilização.

A reação de Elon Musk às acusações de manipulação foi também publicada no X. Ele ilustrou a cobertura dada pela grande mídia para a tentativa de assassinato de Donald Trump com uma gravura do assassinato de Júlio César por um grupo de senadores em Roma. Legenda: “César ferido em abraço grupal”.

Não precisava ter viajado tão longe no tempo. O assassinato de John Kennedy em 1963 estava mais à mão. Pelas lentes do jornalismo moderno, a legenda correta seria:

“Kennedy passa mal durante passeio em Dallas.”

O mundo não seria muito melhor assim? Chega de ódio.

TAMBÉM DO AUTOR:



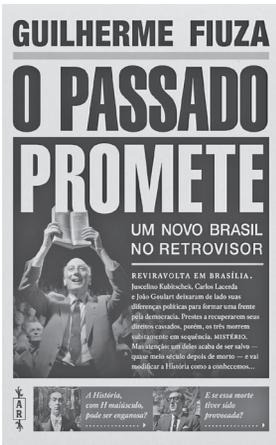
Você achava que os hipócritas modernos não tinham mais o que inventar?

Mas eles se superaram e vieram com um brinquedo novo: os “checadores de fatos” - seres iluminados que decidem o que é verdade e o que é mentira nas redes sociais.

Em quais leis esses novos juízes se baseiam para julgar todo mundo?

Resposta: nas leis da militância e do patrulhamento politicamente correto. Os hipócritas inventaram o juiz partidário — e assim chegaram à perfeição.

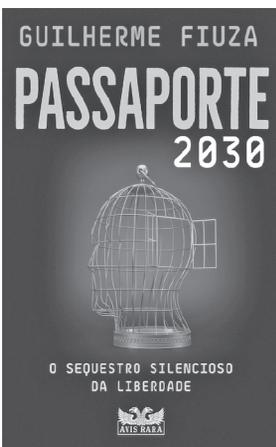
Guilherme Fiuza mostra o que é fake news — e aqui vai o spoiler: hoje fake news é tudo aquilo que os Senhores da Verdade não querem que você fale. Esperamos que, atravessando essas páginas, você entenda quem é quem nesse estranho baile de máscaras.



REVIRAVOLTA EM BRASÍLIA.

Essa é a história real de Carlos Lacerda, João Goulart e Juscelino Kubitschek. Várias investigações foram realizadas para apurar se as mortes dos três líderes da “Frente Ampla” foram provocadas. Nenhuma chegou a essa conclusão.

Neste livro de ficção, Guilherme Fiuza “salva” da morte a terceira vítima: Carlos Lacerda, que escapa da clínica onde se internara para exames de rotina. Na história real, Lacerda entra com boa saúde e sai morto. Aqui ele sobrevive: suspeita da preparação de um atentado e foge da clínica de madrugada. Da clandestinidade, Lacerda vai interferir no processo de redemocratização do país e modificar a história que não viveu.



Como o mundo foi cair nesse desvio? Como populações inteiras se renderam à tirania de um clube de bilionários? Como pessoas livres aceitaram ser classificadas por status (falso) de saúde? Como tanta gente esclarecida pôde confundir propaganda com ciência e censura com ética? Neste livro, Guilherme Fiuza mostra que o mundo está mergulhando num totalitarismo disfarçado de proteção à vida humana. Com a habitual mistura de coragem, estilo e sarcasmo, Fiuza explica como a chamada Agenda 2030 pode acabar com as liberdades individuais.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E
RECEBA INFORMAÇÕES
DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM AGOSTO DE 2025